

Revoeltas camponesas contra os impostos  
na França, nos séculos XVII e XVIII

*Peasant rebellions against taxes in France  
in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries*

MARIA IZABEL B. MORAIS OLIVEIRA

---

Doutoranda em História Cultural da Universidade de Brasília / UnB.

## RESUMO

A análise tem como objetivo demonstrar que as revoltas camponesas contra os impostos, ocorridos na França, nos dois últimos séculos do Antigo Regime, não tinham objetivos políticos.

## PALAVRAS-CHAVE

revoltas camponesas  
França  
séculos XVII e XVIII

## ABSTRACT

*The analysis aims at demonstrating that the peasant rebellions against taxes, which took place in France, during the last centuries of the Old Regime, did not have political aims.*

## KEY WORDS

*peasant rebellions  
France  
17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries*

Quais eram as condições de vida da população camponesa na França, nos dois últimos séculos do *Ancien Régime*? De que maneira os camponeses resistiam ao aumento dos impostos pelos monarcas absolutistas? Qual era o vínculo existente entre os camponeses e seus senhores? Quais os meios utilizados pelas autoridades constituídas para reprimir esses movimentos sociais? A revolta dos camponeses contra os impostos nos séculos XVII e XVIII, no período pré-revolucionário, tinha conotação política? Estas são as questões norteadoras de nossa curiosidade a respeito das revoltas camponesas ocorridas na França, nos séculos XVII e XVIII.

No *Ancien Régime* havia uma economia predominantemente agrícola<sup>1</sup>. Segundo Behrens, na Europa, no século XVIII, "se vivia principalmente do trabalho da terra". Na França, entre 26 milhões de habitantes, cerca de 22 milhões deles eram camponeses. A grande maioria vivia em uma "luta contínua, muitas vezes perdida, para arrancar do solo magro sustento"<sup>2</sup>. A população ultrapassa os meios de subsistência, acarretando a fome. As rudimentares técnicas agrícolas empregadas no solo impedem que se produza o suficiente. De acordo com Roland Mousnier, quando aumenta o número de habitantes, já que o número de nascimentos não é limitado, "diminui a quantidade de alimentos *per capita* e aumenta a mortalidade"<sup>3</sup>.

Com exceção dos lugares onde as epidemias matavam grande número de habitantes, o crescimento da população fazia a situação se agravar. Georges Lefebvre constatou que,

de 1770 a 1790 a França parece ter ganho dois milhões de habitantes. "O número de nossas crianças nos desespera", escreviam em seus cadernos de queixa os habitantes de La Caure, no bailado de Chalons; "não temos como alimentá-los, vesti-los, muitos de nós tem oito ou nove filhos".<sup>4</sup>

Devido ao fato de o campo ter sido "muito mais povoado que hoje, numerosas famílias não possuíam qualquer tipo de bem, nem mesmo uma cabana com seu pequeno quintal...". Em contraste com a vida na corte, "em torno a Versalhes [...] populava um verdadeiro proletariado rural"<sup>5</sup>. Na França, como em toda a Europa, a maioria não possuía terras, ou as tinha em quantidade insuficiente, não bastando para o sustento de sua família. Sendo assim, se trabalhava nas terras dos outros se sujeitando a "termos

que mal chegavam para satisfazer as suas necessidades, mesmo quando o ano era bom"<sup>6</sup>. Aumentava cada vez mais o número de camponeses sem terras, pois os que tinham uma pequena parcela iam subdividindo-as aos herdeiros, e assim por diante. Com isso, "a propriedade rural acabava por se reduzir a migalhas". Conseqüentemente, no *Ancien Régime* havia um grande número de pessoas, por todos os lugares, procurando um pedaço de terra<sup>7</sup>.

No *Ancien Régime*, "o povo assemelha-se a um homem que caminha dentro de um lago com água até a boca; a menor depressão do solo, à menor flutuação, perde o pé, afunda e se afoga"<sup>8</sup>. Com as más colheitas, enquanto que uma minoria beneficiava-se dela, os grandes proprietários e os negociantes, para a grande maioria da cidade e do campo isto levava a fome, já que os preços dos alimentos básicos disparavam<sup>9</sup>. No século XVII, "não passa um ano sem que haja fome nalguma província"<sup>10</sup>. Eram freqüentes as crises no campo; já que "a sorte do povo dependia da colheita". Mesmo nos anos em que se estava livre das secas e tempestades, os camponeses tinham que enfrentar inúmeros outros obstáculos, como os "meteoros, o fogo, os camundongos"<sup>11</sup>.

Nas sociedades do *Ancien Régime*, enquanto os ricos se tornavam cada vez mais ricos, podendo ter uma boa educação, os pobres permaneciam na miséria e na ignorância, "[...] não tinham qualquer porta de saída. Tocqueville dizia que parecia que a civilização se voltava contra a grande massa de camponeses. Vítimas predestinadas de uma política da Coroa que tinha finalidades totalmente alheias à agricultura"<sup>12</sup>. Os camponeses e artesãos, sobretudo os primeiros, eram condenados à eterna miséria. Conforme observa Lefebvre, "[...] mais de um caderno nos transmitiu o comovente testemunho. 'Sire, meu rei', gritam os camponeses de Champniers, no Angoumois, 'se tivésseis conhecimento do que se passa em França, que vossa plebe sofre da maior miséria e da mais miserável pobreza!'"<sup>13</sup>.

Qual era a atitude tomada pelo governo diante de tantas calamidades? Ele foi indiferente a esse estado de coisas? Parece que o governo da França não foi indiferente a sorte dos camponeses. De acordo com Behrens,

a defesa dos interesses e a moralidade cristã pregavam a mesma lição: o camponês deveria ser ajudado tanto quanto possível em épocas de calamidades; deveria ser protegido contra a exploração dos senhores; não devia ser sujeito a impostos indevidamente pesados; e, sobretudo, o Governo devia controlar rigidamente o comércio de cereais e armazenar provisões, de forma a mitigar os efeitos das más colheitas e os problemas que lhe são subseqüentes.<sup>14</sup>

Será que estes ideais da monarquia francesa eram postos em prática? Infelizmente não, pois, conforme observa o mesmo autor,

havia (...) grande diferença entre os ideais das monarquias paternalistas e o tratamento que os camponeses recebiam na realidade, pois os monarcas eram muitas vezes forçados ou tentados a seguir uma política contrária ao interesse dos camponeses, e não eram capazes ou não queriam impedir os seus oficiais e outras classes de fazerem o mesmo. Até a época do Iluminismo, e mesmo depois, os monarcas absolutistas procuravam a glória por meio da guerra e de empreendimentos que se tornassem notados.<sup>15</sup>

Desta forma, mesmo não sendo indiferente à miséria do camponês, o governo da França "subordinava sempre as necessidades da agricultura, em curto prazo, às necessidades da guerra, e a longo prazo, às necessidades do comércio e da indústria..."<sup>16</sup>. Além de não introduzir melhorias na agricultura, o governo impedia, através de uma política fiscal, que o camponês também o fizesse. Como este estava submetido às altas taxas de impostos, não lhe sobrava nenhuma reserva para investir na agricultura. "O governo, desejando que a agricultura prosperasse, oprimia o camponês e lhe tornava inviável a possibilidade de poupança: sem poupança, não havia capital de exploração e, por conseguinte, não se introduziam melhorias no cultivo"<sup>17</sup>.

O Estado absolutista francês, em seu processo de centralização e consolidação de poder, utilizou-se de vários meios, entre eles a tributação e, é claro, o exército para torná-la possível; já que era o monopólio da força militar que garantia o monopólio da tributação<sup>18</sup>.

Na Europa, no século XVII, as revoltas camponesas eram frequentes. Na França, no reinado de Luís XIV, como em países da Europa Central e Oriental, muitas vezes as revoltas transforma-

vam-se em guerras civis<sup>19</sup>. Segundo George Rudé, as agitações camponesas no século XVII, na época de Richelieu e nos primeiros anos do reinado de Luís XIV, foram motivadas, sobretudo, pelo aumento dos impostos<sup>20</sup>.

No fim do reinado de Luís XIV explodiram motins camponeses devido às más colheitas, escassez de alimentos e, principalmente, pelo aumento de impostos para bancar a Guerra da Sucessão Espanhola<sup>21</sup>. Portanto, há revoltosos por toda a parte. A guerra civil é permanente. Como constata Mousnier, “em França, a luta pela independência contra as tentativas dos Habsburgos” leva o rei a aumentar a carga tributária para financiar a guerra, gerando insurreições no campo:

Todo agravamento tributário é duramente sentido. A carga fiscal torna-se depressa a razão e motivo, ou o pretexto de insurreição. As revoltas camponesas são contínuas. Não passa um ano sem um levante nalguma província. (...) De 1636 a 1639, quando a guerra ‘aberta’ dirigida por Richelieu agravou ainda mais as exigências fiscais, verdadeiras guerras camponesas eclodiram através das regiões. Dizia-se que em certos lugares os camponeses comiam erva, andavam nus e suicidavam-se em massa.<sup>22</sup>

Enquanto a nobreza e o clero eram isentos de impostos, os pobres suportavam todo o seu peso. Em conseqüência, camponeses lançavam-se aos milhares contra os cobradores de impostos esquartejando-os vivos, matando-os, pois desejavam “impedir a cobrança de todos os tributos instituídos após a morte de ‘Henrique IV’”<sup>23</sup>.

No século XVIII os impostos eram mais pesados que no século XVII, pois aos impostos existentes lhes eram acrescentados outros<sup>24</sup>. Os camponeses, além de tudo, tinham de suportar os direitos e privilégios dos senhores, como a caça em suas terras. Nos períodos de crises, os nobres empobrecidos cobravam os impostos existentes e “faziam reviver os direitos caídos em desuso...”. Além disso, as despesas públicas cresciam cada vez mais. Necessitava-se de muito dinheiro para manter uma corte numerosa, sincuras, exército e as guerras. Os oficiais pertencentes ao exército “custavam tão caro quanto toda a tropa”<sup>25</sup>. Desta forma, “os impostos da Coroa pendiam como mó em volta do pescoço do

camponês (...) O camponês só não pagava impostos quando não tinha nada que dar". A vida do camponês era tão dura que "uma camponesa, encontrada por Arthur Young numa das suas viagens, ao revelar que tinha apenas vinte e oito anos, apesar de apresentar sessenta ou setenta, exclamou: 'o trabalho e os direitos esmagam-nos'"<sup>26</sup>. Quanto mais rica fosse a pessoa, menos impostos ela pagava. "Contra os impostos, o grito era universal..."<sup>27</sup>.

Fato curioso é que a maioria das revoltas dos camponeses contra os cobradores de impostos era conduzida pela nobreza visando seus próprios interesses. No século XVII, conforme percebe Perry Anderson, "os nobres das províncias freqüentemente jogavam os seus próprios camponeses contra os coletores de impostos, para melhor poderem extorquir-lhes seus tributos locais. (...) Os levantes regionais mais importantes alternavam-se com constantes irrupções menores de rebeldia contra os coletores de impostos em amplas áreas da França muitas vezes patrocinadas pela pequena nobreza local"<sup>28</sup>. Roland Mousnier, ao dedicar vários anos de estudo sobre os movimentos populares na França, observa que

acentuaria muito o papel e as responsabilidades nas revoltas camponesas e artesãs, dos fidalgos rurais e dos oficiais que habitavam as cidades. Muitas vezes foram os fidalgos e os oficiais que incitaram, empurraram, guiaram os camponeses e os artesãos para revoltas cujo primeiro objetivo era a defesa dos privilégios e liberdades locais, de província ou de cidade, contra os esforços centralizadores do conselho do Rei, a defesa de grupos de fiéis que seguiam um patrão contra o Estado moderno.<sup>29</sup>

Os camponeses sofriam forte influência por parte dos senhores, devido aos laços de vassalagem que os uniam. Ambos tinham "interesses comuns contra o rei e o fisco". Assim, em várias ocasiões, os primeiros foram incitados pelos segundos a se voltarem contra os coletores de impostos. Em muitas vezes, "os camponeses seguiram os senhores"<sup>30</sup>. Em certas ocasiões, os grandes da cidade, oficiais, e do campo, *gentis-homens*, juntavam-se aos artesãos e camponeses "contra o rei e seus devotados"<sup>31</sup>.

A intensificação da desigualdade entre as classes é uma das causas das revoltas. Apesar da existência de um elo houve um aumento da oposição entre senhores e camponeses. "Os senho-

res vivem do trabalho do camponês (...) os censos e a tributação excessiva tornam-se facilmente insuportáveis quando aumenta a desigualdade entre os indivíduos. (...) é a ocasião dos motins camponeses e das guerras camponesas"<sup>32</sup>. No entanto, as revoltas de camponeses e artesãos, no século XVII, não podem ser consideradas uma guerra de classes. Os alvos dos ataques são os coletores de impostos e não os palácios, estes, raramente são atacados<sup>33</sup>. Conforme percebe Mousnier,

as revoltas dirigem-se contra o fisco real, e só se tornam realmente perigosas se contam com a participação das outras classes sociais. Enquanto os magistrados (...) cumprem seu dever, enquanto as milícias burguesas atiram contra o povo, enquanto a nobreza não se une aos camponeses, o rei restabelece fácil a ordem. Mas em certas circunstâncias, gente de todas as classes participa da revolta e o Estado corre perigo.<sup>34</sup>

É preciso ter em conta que, se por um lado, os camponeses resistiam ao que lhes era imposto pelo Estado absolutista, por outro, este os reprimia severamente. Lembremos o caso de um movimento famoso, denominado por *Croquants*, ocorrido em 1636/7. Movimento esse que teve suas raízes em 1624, em que se reivindicava a "diminuição dos impostos". Contra seus componentes "foi enviada uma força militar de 60.000 soldados. Os revoltosos foram 'mortos como animais', sem resistência. Os camponeses foram assassinados e os chefes decapitados e enforcados". Em 1636/7, numa petição enviada a Paris, reivindicavam a liberação dos impostos. Com as tropas enviadas por Luís XIII, "'os chefes foram enforcados e a canalha exterminada' é o registro de Richelieu na carta aos comandantes das tropas"<sup>35</sup>.

Consideramos, então, que os nobres se uniam aos camponeses porque tinham interesses comuns. Através das insurreições, pressionavam para fazer com que os impostos mais pesados fossem eliminados pela Coroa. Fato curioso é que os movimentos no campo não tinham o interesse em fazer com que a ordem senhorial se revertesse. A luta dos camponeses era contra o fisco, sem a pretensão de eliminar a monarquia absolutista substituindo-a por outro sistema de governo. Como nos lembra Beatriz Magalhães, referindo-se aos movimentos rurais, compostos por nobres e cam-



poneses, se caracterizavam, segundo conclusão de Madeleine Foisil, "por serem anti-fiscais, sem maiores pretensões de se tornarem revoluções anti-feudais e anti-absolutista"<sup>36</sup>. Os movimentos dos camponeses contra os impostos, na França, nos séculos XVII e XVIII, no período pré-revolucionário, não estavam, ainda, imbuídos de interesses políticos, pois não se tinha a intenção de atacar a monarquia absolutista.

#### NOTAS:

- <sup>1</sup> Cf. MOUSNIER, Roland. A crise do século. In: \_\_\_\_\_. *História geral das civilizações*. Os Séculos XVI e XVII. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973, p. 173.
- <sup>2</sup> BEHRENS, C.B.A. A herança dos herdeiros: o problema dos camponeses. In: \_\_\_\_\_. *O antigo regime*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971, p. 25.
- <sup>3</sup> MOUSNIER, *op. cit.*, p. 173, 175.
- <sup>4</sup> LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 27.
- <sup>5</sup> *Ibidem*, p. 25-6.
- <sup>6</sup> BEHRENS, *op. cit.*, p. 25. Ver LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 25-6.
- <sup>7</sup> Cf. LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 26-7.
- <sup>8</sup> *Ibidem*, p. 25.
- <sup>9</sup> Cf. BEHRENS, *op. cit.*, p. 26. Ver MOUSNIER, *op. cit.*, p. 175-6.
- <sup>10</sup> MOUSNIER, *op. cit.*, p. 176.
- <sup>11</sup> LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 28.
- <sup>12</sup> BEHRENS, *op. cit.*, p. 41.
- <sup>13</sup> LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 27.
- <sup>14</sup> BEHRENS, *op. cit.*, p. 27-8.
- <sup>15</sup> *Idem*.
- <sup>16</sup> BEHRENS, *op. cit.*, p. 30.
- <sup>17</sup> LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 47.
- <sup>18</sup> MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de. A rebeldia camponesa no processo de constituição da ordem política na Europa Moderna. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 18. *Anais...* Rio de Janeiro, 1998, p. 142.
- <sup>19</sup> Cf. BEHRENS, *op. cit.*, p. 26.
- <sup>20</sup> Cf. RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 19-20.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 20. Ver também Perry ANDERSON. Este observa que, desde a Baixa Idade Média, impostos, como a *taille royale*, foram criados para financiar os altos custos das guerras. Com as guerras havia um grande aumento dos impostos. Além do mais, os encargos fiscais passaram a crescer subitamente após a década de 1630, devido à "intervenção militar e diplomática de Richelieu na Guerra dos Trinta Anos". Os pobres, artesãos e camponeses, eram os maiores prejudicados com isso, eles é que sofriam os custos reais da guerra, já que os impostos recaíam sobre seus ombros. Neste meio, uma devastação social foi provocada por ela. No período da Guerra dos Trinta Anos e durante a guerra contra a Espanha ocorrem várias insurreições. ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutistas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 32, 34, 96-7; LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 29; MOUSNIER, *op. cit.*, p. 190.

<sup>22</sup> MOUSNIER, *op. cit.*, p. 189.

<sup>23</sup> Cf. ANDERSON, *op. cit.*, p. 32-5, 96-7.

<sup>24</sup> BEHRENS, *op. cit.*, p. 33.

<sup>25</sup> LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 45, 47. Ver RUDÉ, *op. cit.*, p. 20.

<sup>26</sup> Para bancar os altos custos com a corte e as guerras, o governo, impunha "taxas pesadas sobre artigos de consumo geral, sobretudo o sal e o vinho, e fazendo incidir sobre a terra os impostos mais pesados". BEHRENS, *op. cit.*, p. 31-2, 39-40.

<sup>27</sup> LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 45, 47.

<sup>28</sup> ANDERSON, *op. cit.*, p. 35, 97-8.

<sup>29</sup> MOUSNIER, *op. cit.*, p. 171.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>31</sup> De acordo com Mousnier, "Bastava um príncipe de sangue dar o sinal para que, aos poucos, províncias inteiras se inflammassem. Então os gentis-homens chamavam a população às armas, os parlamentos mandavam abrir os celeiros onde os intendentes armazenavam o trigo para o exército [Delfinado, 1630], os cofres do rei de onde retiravam sozinhos os emolumentos retidos para as necessidades militares [Toulouse, 1630], encorajavam as desordens, informavam frouxamente contra os revoltosos, opunham-se às medidas tomadas contra eles, deixavam o populacho agir, se este atacava apenas os funcionários reais e seus bens, mas não as propriedades dos demais súditos do rei". Ibidem, p. 194.

<sup>32</sup> MOUSNIER, *op. cit.*, p. 183.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 143-4.

<sup>36</sup> MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 143.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutistas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BEHRENS, C.B.A. A herança dos herdeiros: o problema dos camponeses. In: \_\_\_\_\_. *O antigo regime*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de. A rebeldia camponesa no processo de constituição da ordem política na Europa Moderna. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 18. *Anais...* Rio de Janeiro, 1998.
- MOUSNIER, Roland. A crise do século. In: \_\_\_\_\_. *História geral das civilizações*. Os Séculos XVI e XVII. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
- RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.